

Ebola e a mídia

Ebola and media

Ébola y los medios de comunicación

Telma Abdalla de Oliveira Cardosoⁱ

Marli Brito Moreira de Albuquerque Navarroⁱⁱ

Resumo

A alta letalidade do vírus Ebola não é nenhuma novidade. As epidemias da doença que se verificam em países africanos refletem tragédias periódicas. Outros surtos ocorreram, foram noticiados e posteriormente esquecidos pela mídia, embora o vírus tenha continuado ativo. A manifestação atual do Ebola expressa um impacto que é apresentado pela mídia como ameaça à humanidade, contribuindo para propagar na sociedade apreensões e o medo. Cabe, aos especialistas do campo da saúde pública, elaborar informações dirigidas à sociedade que sejam capazes de dimensionar o risco e as possibilidades do controle do mesmo, sobretudo através dos recursos oferecidos pela pesquisa científica, pela biossegurança e pela articulação global de políticas de saúde.

Palavras-chave: Vírus Ebola; Meios de comunicação; Saúde pública; Biossegurança

Abstract

The high lethality of Ebola virus is for a time known. The epidemics of the disease caused by this virus in African countries reflect periodic tragedies. Others outbreaks occurred and even though they had been reported by the media, they were soon forgotten by itself, although the virus has continued active. The manifestation of Ebola today expresses an impact that is presented by the media as a threat to humanity. This contributes to spread apprehensions and other fears on the society. The experts in the field of public health should develop information estimating to the society the risk and possibilities of control of the virus, especially through the resources provided by scientific research, biosafety and also by the global articulation of health policies.

Keywords: Ebola virus; Mass media; Public health; Biosafety

ⁱ Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp), Núcleo de Biossegurança. Rio de Janeiro, Brasil | lattes.cnpq.br/5846008743651694 | abdalla@fiocruz.br

ⁱⁱ Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp), Núcleo de Biossegurança. Rio de Janeiro, Brasil | lattes.cnpq.br/3759798623116771 | mnavarro@fiocruz.br

Resumen

La alta tasa de letalidad del virus del ébola no es nada nueva. Las epidemias de la enfermedad que se producen en los países africanos reflejan tragedias periódicas. Otros brotes se han producido, se han reportado y posteriormente fueron olvidados por los medios de comunicación de masas, aunque el virus ha continuado activo. Hoy en día el brote del ébola expresa un impacto que es presentado por los medios de comunicación como una amenaza para la humanidad, fomentando en la sociedad aprensión y miedo. Los expertos en el campo de la Salud Pública deben llevar a cabo el desarrollo de informaciones capaces de estimar el riesgo y las posibilidades de control de la misma, en especial a través de los recursos ofrecidos por la investigación científica, por la bioseguridad y la articulación de las políticas de salud a nivel mundial.

Palabras clave: Virus del ébola; Medios de comunicación; Salud pública; Bioseguridad

Submetido: 11/set/2014

Aceito: 11/set/2014

Conflitos de interesse: Não houve nenhum tipo de conflito de interesse.

Fontes de financiamento: Não houve

Contribuição autoral

Os autores participaram igualmente em todas as fases da elaboração do artigo

A imediata propagação do fato é um fenômeno do mundo contemporâneo. A sofisticação das tecnologias da informação em tempo real é uma das características do mundo globalizado. No entanto, na maioria das vezes o fato é veiculado desvinculado da complexidade dos contextos que o produziu. Em geral, grande parte da informação atestada como verdade é processada pelos mais variados interesses. Essa forma de divulgação de eventos, em especial, os de grande impacto, e, sobretudo, aqueles que provocam medos e apreensões na sociedade, faz parte do cotidiano das diversas mídias. Notícias sobre temas relacionados ao campo da saúde pública e da biossegurança, tais como doenças emergentes e reemergentes, bioterrorismo, predação ambiental, aquecimento global e suas consequências, enquanto fatores associados aos grandes riscos pandêmicos, configuram um contexto que coloca, certamente, importantes e complexos desafios para a saúde pública. O mesmo acontece com as ameaças oriundas da rápida circulação de pessoas e de produtos e com as questões relacionadas à pobreza e às guerras. Considera-se também como desafio, a necessidade fundamental de processar informações para a sociedade capazes de estimular ações preventivas, colocando cientificamente a questão dos riscos, de modo a neutralizar a lógica do medo.

Cabe sublinhar que esses desafios vêm sendo discutidos amplamente, posto que, em termos das preocupações globais, eles são fatores que configuram situações de risco efetivo, admitindo-se como parte fundamental das discussões as disponibilidades de recursos para o enfrentamento desses riscos.

Atualmente, a epidemia causada pelo vírus Ebola, em alguns países africanos, configura uma real preocupação em termos mundiais, por se tratar do risco de agentes etiológicos novos, desconhecidos e/ou pouco conhecidos, de alta letalidade se propagarem e se tornarem eventos pandêmicos. Embora tal risco venha ocupando os noticiários, destaca-se que a notícia não se constitui exatamente nenhuma novidade, uma vez que o primeiro surto da doença ocorreu em 1976; o segundo, entre 1994/1995, foi noticiado pela imprensa na época, estimulando vários artigos sobre o tema. Apesar de se constatar duas décadas sem surtos da doença, o vírus permaneceu ativo, sem que esta realidade tenha alimentado o interesse da mídia.

No que diz respeito ao surto atual, a cobertura feita pela mídia deu destaque à transferência de dois cidadãos americanos e do padre espanhol, infectados pelo vírus, enfatizando também o sucesso do recurso terapêutico experimental por meio da utilização da droga ZMapp.

Seguindo o estilo da notícia 'espetáculo', os principais canais de notícias americanos – CNN, Fox News e MSNBC – acompanharam de perto a ambulância que carregava o médico Kant Brantly até o hospital em Atlanta, com câmeras em helicópteros e noticiário ao vivo. Enquanto isso, na África, o surto atual de Ebola se alastra, apesar dos esforços para controlar a doença. É importante refletir sobre o olhar da mídia para essas questões, pois é por meio da comunicação que as informações sobre a doença, disseminação, prevenção e controle serão amplamente difundidas na sociedade.

A comunicação é um instrumento fundamental na troca de informações, exercendo um papel essencial na disseminação de informações na sociedade e na mudança de comportamentos^{1,2}. A capacidade da mídia influenciar a opinião pública através da projeção dos acontecimentos confirma a sua importância na configuração da nossa realidade social^{3,iii}

Esse papel é potencializado na Sociedade da Informação, em que se observa o desenvolvimento e a ampliação do uso de tecnologias de processamento, estocagem e transmissão de informação, compondo

ⁱⁱⁱ McCombs ME, Shaw DL, Weaver DH. Communication and democracy: Exploring the intellectual frontiers in agenda-setting theory. New Jersey: Erlbaum; 1997 *apud*⁸.

um todo complexo, com intrincados nós de uma sociedade que se comunica em rede⁴. Desta forma, a atividade jornalística pode ter implicações políticas e sociais em uma sociedade³.

É amplamente compreensível e aceito que o material apresentado pelos meios de comunicação passou por um processo de seleção. Os critérios de noticiabilidade são derivados da capacidade limitada de fornecer uma vigilância total; das limitações financeiras; de pressões econômicas e políticas, entre outros motivos. Estes fatores desempenham um papel vital no processo de construção da notícia e da transmissão de informações. Desta forma, os meios de comunicação podem influenciar as imagens mentais criadas nas mentes das pessoas sobre os eventos^{5,6}.

As informações da mídia sobre a doença causada pelo vírus Ebola precisam ser de qualidade, relacionadas às percepções de seu risco, precisas e confiáveis, para que sejam realmente eficazes e capazes de formar opinião e educar o público⁷. No entanto, informações imprecisas ou sensacionalismo da mídia podem aumentar a confusão e gerar pânico.

Ainda que a distância e os problemas físicos tenham desaparecido na Sociedade da Informação, continuam as distâncias culturais. Emissores e receptores não partem dos mesmos critérios de significação, tendo em comum somente os que são impostos pelo próprio meio. Emissores e receptores podem estar em realidades culturais completamente diferentes. Um programa realizado no Canadá, com critérios culturais canadenses, pode ser recebido por um cidadão brasileiro que o decodifica a partir de outros critérios⁸. Desta forma, é importante que a mídia saiba dissipar mitos não-científicos e políticos. A mídia deveria mostrar que o Ebola é uma doença com alta taxa de letalidade, que vem ocorrendo em um continente onde não há água de boa qualidade (nem em quantidade), imperam a fome e as doenças chamadas de negligenciadas, como a malária, os sistemas de saúde enfraquecidos e não há reposição de suprimentos médicos descartáveis.

O vírus Ebola foi identificado, pela primeira vez em 1976, como sendo a causa de um surto de febre hemorrágica ocorrido em um vilarejo situado às margens do rio Ebola na República Democrática do Congo (antigo Zaire) e em uma região do Sudão. Este surto matou em torno de 300 pessoas⁹.

O vírus Ebola pertence a uma família de vírus denominados *Filoviridae*, caracterizados por possuírem uma estrutura filamentosa longa. Existem cinco subtipos de vírus Ebola: Zaire, Sudão, Bundibugyo, Tai Forest (anteriormente conhecida como Côte d'Ivoire), e Reston. Cada um recebeu o nome do local no qual foi identificado pela primeira vez. Os primeiros três subtipos têm sido associados aos grandes surtos ocorridos na África. O subtipo Zaire é o mais mortal.

O reservatório natural do vírus Ebola parece ser o morcego. Pesquisadores encontraram evidências de que três espécies de morcegos frugívoros capturados tiveram sequências genéticas específicas ou evidência de uma resposta imune ao Ebola, sem sintomas da doença. Estes animais podem desempenhar um papel fundamental na transmissão do vírus para os grandes símios e para os seres humanos. O ser humano não é reservatório natural do vírus. É infectado quando entra em contato com o hospedeiro infectado - chimpanzés, gorilas, morcegos frugívoros, macacos, antílopes selvagens e porcos-espinhos. Uma vez infectado, pode transmitir o vírus Ebola para outras pessoas, através do contato (abrasões na pele ou por contaminação das mucosas) com fluidos corporais (sangue, vômito, saliva, suor etc.), por gotículas e pela manipulação de cadáveres. A cultura muçulmana tem a tradição de lavar os corpos dos mortos antes do enterro, o que amplifica o risco de contaminação. Mas não há evidência de transmissão respiratória através de aerossóis. A transmissão por meio de sêmen infectado pode ocorrer até sete semanas após a recuperação clínica⁹.

A doença pelo vírus Ebola é caracterizada pelo aparecimento súbito de febre, seguido de sintomas inespecíficos, como: mal-estar, dor de cabeça, dor muscular, dor de garganta, dor abdominal, vômitos e diarreia. Os sintomas podem evoluir e apresentar erupções cutâneas (não características) em torno do 5º dia da doença e manifestações hemorrágicas (em *menos* de 50% dos casos). O agravamento é progressivo e a progressão é muito rápida. A viremia aumenta drasticamente com a evolução da doença. O óbito, em geral, ocorre na segunda semana da doença (ou término da primeira). No surto atual, a taxa de mortalidade é de 62%. Possui um período de incubação de dois a 21 dias. O vírus Ebola só é transmitido quando os indivíduos doentes apresentam os primeiros sintomas⁹.

Este surto superou todos os anteriores em termos de número de mortos. Não tem precedentes por que ocorreu em uma região da África onde nunca havia sido anteriormente detectado, disseminou-se rapidamente em ambas as áreas, rurais e urbanas, cruzou fronteiras e envolveu várias regiões em países diferentes, abrangendo uma área geográfica muito maior do que a dos surtos anteriores, o que dificulta a contenção. É um grande desafio para a comunidade médica nessa área pobre do mundo e está extrapolando a força de trabalho disponível para o seu controle.

No mundo contemporâneo, o fenômeno da globalização relativo às doenças é traduzido pela complexidade dos riscos, destacando-se o risco à saúde pública e ao ambiente. Esta realidade faz com que o campo de conhecimento da biossegurança avance no sentido de ampliar suas ações, a fim de elaborar procedimentos eficazes no enfrentamento da complexidade dos contextos de risco, fundamentando as ações de gerenciamento de risco, sobretudo, em termos globais.

Em todas as etapas dos processos de gerenciamento de riscos ou de administração e controle de crises, as atividades de comunicação ocupam lugar de destaque. A comunicação de risco é um processo interativo de troca de informação e de opiniões entre pessoas, grupos e instituições. É utilizada como ferramenta de orientação e de divulgação das ações de levantamento de informações para a análise do risco. Possui também um papel essencial para a criação ou ampliação do conhecimento e, assim, corrobora a amplificação da percepção de risco. Porém, a complexidade do campo da biossegurança na análise do risco de doenças emergentes deve considerar a subjetividade das percepções, uma vez que as construções e os controles dos riscos pertencem aos contínuos e dinâmicos processos de inovação e (re)construção de conhecimentos.

Referências

1. Chiavenato I. Recursos humanos. 7. ed. São Paulo: Atlas; 2002. 631p.
2. Sousa JP. A teoria do agendamento e as responsabilidades do jornalista ambiental: uma perspectiva ibérica. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2008. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-teoria-do-agendamento.pdf>> Acesso em: 09 set. 2014.
3. Traquina N. O estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo: Unisinos; 2005.
4. Castells M. A Sociedade em Rede. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra; 2007. Vol.1. 698p.
5. McCombs ME, Maxwell E, Donald L. Shaw, Structuring the unseen environment. Journal of Communication 1976; 26(2): 18-22.
6. Riaz S. The Relationship between the Public and Print Media Agendas on National Issues in Pakistan (A Study of the Agenda Setting Role of Print Media in Pakistan) [tese]. Faculty of Social Sciences and Humanities: Allama Iqbal Open University, 2008.

7. Sánchez FM. Os meios de comunicação e a sociedade. In: Ministério da Educação. *Mediatamente! Televisão, cultura e educação*. Brasília: ME; 1999. p. 55-90.
8. Freire, IM. Comunicação de Informações Tecnológicas para o Meio Rural. *Ci. Inf.*1984 jan-jun; 13(T):67-71.
9. World Health Organization. *Ebola and Marburg virus disease epidemics: preparedness, alert, control, and evaluation*. Genebra; WHO; 2014.